

DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA

Com o presente número, a "Defesa Nacional" lança a Seção "Doutrina Militar Brasileira", que focalizará problemas relativos à verdadeira filosofia de nossa guerra e suas implicações doutrinárias, para o que pretende atingir às seguintes finalidades:

- 1) Estabelecer as Bases Filosóficas da Guerra, com vistas às suas Formas e Doutrinas;
- 2) Fixar nossa experiência de guerra, através da análise de casos históricos, destacando-se os aspectos que configuram a Doutrina;
- 3) Concluir, do estudo comparativo das diferentes correntes do pensamento militar atual sobre a Guerra Moderna, quais as decorrências doutrinárias para as Fôrças Terrestres do Brasil, tendo em vista a Conjuntura Nacional, Continental e Mundial.

Para coordenar/assunto tão relevante, qual seja "Doutrina Militar Brasileira", nossa revista foi à procura de um espírito jovem, estudioso, empreendedor e inteligente e encontrou, da parte do Major Amerino Raposo Filho, brilhante instrutor de História e Geografia Militar de nossa Escola de Comando e Estado-Maior, a melhor receptividade.

O Major Raposo, desde algum tempo vem se dedicando a êsses estudos da Realidade Brasileira de modo objetivo e, assim sendo, estamos, todos nós, diretores e leitores, de parabéns.

Por outro lado, "A Defesa Nacional" formula um apelo a todos os camaradas, no sentido de que colaborem conosco nesse setor da mais alta significação para as Fôrças Terrestres, vale dizer, para a Segurança Nacional e do Hemisfério Ocidental, enviando artigos e estudos de maior profundidade para publicação em "Doutrina Militar Brasileira", assim como sugestões sobre a melhor maneira de prosseguirmos em tão importante tarefa, complexa, é certo, mas decisivamente útil ao nosso Exército, acreditamos.

O presente estudo histórico-militar, feito em forma de síntese é reprodução da conferência realizada pelo autor na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, onde, desde 1956, é instrutor. Representa interessante contribuição à verdadeira filosofia da Guerra dentro da Realidade Brasileira.

Contém, essencialmente, os diferentes aspectos que interferem com a vida do Patrono do Exército Brasileiro, como Chefe Militar e Comandante-Chefe na Guerra do Paraguai, assim como configura as implicações decorrentes, no domínio da Ciência e da Arte Militar.

Diretor-Secretário



CAXIAS

CAXIAS E A DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA

Maj AMERINO RAPOSO FILHO
Instrutor da ECEME

"Renovemos a Tática Vigente e adaptêmo-la às exigências da Guerra, enquanto não se cogita de uma Tática elementar privativamente nossa, em harmonia com as circunstâncias peculiares ao nosso Exército e com a natureza de nossas Guerras". (Caxias, Ministro da Guerra — 1855).

- I — A Glória de Caxias
- II — Caxias Chefe Militar
- III — Caxias Comandante-Chefe na Guerra do Paraguai
- IV — Caxias Inspirador de Nossa Doutrina
- V — Síntese Final

I — A GLÓRIA DE CAXIAS

Em consequência das fôrças verdadeiramente ciclópicas que atuaram na expansão do Brasil Colonial, no sentido de W e do S, rompendo com uma fronteira de ficção, para projetar, aos Andes e ao Prata em caudais imensos, a torrente vertiginosa do gênio bandeirante, problemas da maior complexidade e perigo vão aflorar, logo vencida a inércia desse movimento de ampliação de nossos lindes — e durante êle — agravados por outros comportamentos da instabilidade geo-econômica, com a contribuição ponderável de fôrças externas, pela orla atlântica, assim como de pressões continentais.

E eis que, de permeio com o espantoso crescimento de nossas áreas geográficas e em sua decorrência principalmente, outros problemas mais graves vão surgindo como a desafiar os forjadores dessa expansão continental. São as invasões estrangeiras que, na sua alternada variação do ponto de aplicação do esforço, produzem necessariamente correspondentes consequências na vida administrativa do país. Depois, é o desequilíbrio político fazendo que o centro de gravidade da Colônia, no Salvador, oscile, ora para o N, no século XVII, ora para o S, e aí definitivamente, no meado do século seguinte, fixando-se no Rio de Janeiro.

Dir-se-ia que o Brasil Colonial se mantinha em constante equilíbrio instável, que sua condição de dependência política fatalmente conduzia a soluções de emergência, de modo algum definitivas.

Como seria natural, quando se configura a maioridade política do Brasil, em 1822, com seu próprio advento emerge a imperiosa necessidade de conformar-se definitivamente nosso "facies" político, por ação agora, principalmente de fôrças centrífugas.

E vai a nascente democracia coroada enfrentar um sem número de lutas e dissensões internas; de início resultantes da própria ruptura violenta da tutela de Portugal. Pouco depois, são as fricções ao S que novamente se pronunciam, com maior gravidade desta vez. Em seguida, como a comprometer de integral a Unidade Pátria, espoucam rebeliões, quase que simultâneas, nas Províncias do Maranhão, de São Paulo e das Minas Gerais. Tudo num quadro de gravidade mais ampla, que inspirando na inconformidade e nos êxitos iniciais dos farrapos.

Mas aí não se confinam as tentativas de anulação da obra verdadeiramente notável dos construtores da nacionalidade, daqueles que arga-

massaram, no período colonial, uma estrutura unitária, por todos os títulos magnífica. Já agora, na segunda metade do século XIX, são ambições imperialistas que expontam, associadas ou em manifestação isolada, visando a comprometer a Soberania Nacional.

Senhores: aí o exato sentido da glória de Caxias, e, sem dúvida alguma, a glorificação máxima que se lhe poderia conferir, justamente porque, vivendo na fase decisiva para os destinos de nossa Pátria, foi ele o Soldado valoroso, enérgico e audaz, o servidor leal e desambicioso; o Pacificador, que vencia harmonizando. O Chefe Militar prudente, talentoso e justo; o Político moderado e equilibrado, cuja paixão máxima seria a Defesa Nacional. Em síntese, o excelsa Condutor de Homens que, em inúmeras oportunidades, durante toda sua vida, contribuiu decisiva e definitivamente para a preservação da Unidade Nacional, para a afirmação do Brasil como potência de primeira plana na América do Sul.

Contemporâneo da quadra mais agitada de nossa evolução política no cenário platino, atuou de maneira decisiva no sentido de contribuir para a estrutura definitiva do Estado brasileiro. Graças à sua espada sempre vitoriosa, pôde conformar-se a moldura da epopéia bandeirante; restabeleceu-se o equilíbrio platino, que esmagados ficavam os sonhos imperialistas. Em decorrência de sua atuação ímpar no panorama militar e político do Império, asseguraram-se as bases para o estabelecimento de uma Doutrina de Política Externa para o Brasil, tão magnificamente conduzida por Rio Branco, pouco depois.

Finalmente, Srs., intentamos denunciar um ângulo novo da personalidade singular de nosso Patrono, a nosso ver o mais importante a nós que nos destinamos à Preparação das Forças Armadas para as Guerras que tenhamos de enfrentar. Queremos referir-nos à sua contribuição magnífica ao estabelecimento das Bases, à formulação da Doutrina Militar Brasileira, que o estudo e a meditação profundas de sua longa atuação nas Revoluções e nas Guerras de que o País participou, no domínio da Tática e da Estratégia Operacionais, a tal nos conduz. De seu comportamento como Chefe Militar e Cmt-Chefe poderá fluir a inspiração doutrinária que carecemos, que nos convém, autênticamente nacional.

Esta, pensamos, a melhor forma de significar, a auditório tão respeitável e patrióticamente preocupado com os problemas da Segurança e da Defesa Nacionais, nossa homenagem e nossa admiração ao maior Soldado do Brasil.

II — CAXIAS CHEFE MILITAR

- 1 — Coragem e Bravura
- 2 — Atividade e Velocidade
- 3 — Surpresa e Audácia
- 4 — Disciplina e Lealdade

O que mais impressiona ao estudioso da vida de Caxias é o conjunto de virtudes militares que ornam sua personalidade, fazendo-o "símbolo da firmeza e da ordem", ele que "era olímpico na integridade do seu caráter e na inteireza de sua brasiliade". Não sabemos que mais realçar nessa figura realmente notável: se a audácia e a temeridade, que "como em Turenne, cresciam com a idade", ou a dignidade do seu comportamento equilibrado, prudente, sobretudo leal e desinteressado, que dizendo com os elevados interesses do Império, a que serviu durante toda sua vida com absoluta fidelidade e fé cristã. A firmeza de atitudes e a manutenção da ordem nela se contém, com esplendor. Porém, além de admirável senso estratégico, é precisamente o aspecto que interfere

com a percepção tática e a intervenção oportuna, que mais se destaca nesse valoroso soldado. E aí está a incrível velocidade que imprimia às suas tropas para uma ação decisiva, de surpresa. A audácia e a energia que sabia emprestar às suas ações respondem, por outro lado, pelos êxitos retumbantes que alcançava no combate. E, às vezes, sem mesmo combater.

1. CORAGEM E BRAVURA

Durante sua longa e brilhante carreira militar, demonstrou Caxias possuir em alta dose uma coragem física e moral, que estimulava os gestos mais desprendidos da bravura e do sacrifício voluntários. Assim inicia o jovem Ten Luiz Alves, aos 20 anos, quando comandava a tropa que assaltou a casa forte, na Bahia, por ocasião das lutas pela Independência. Na parte Oficial do combate se lê: "na primeira ação, (o Ten Luiz Alves) à testa de uma Cia atacou uma casa forte, onde o inimigo estava entrincheirado e o fêz retirar com perdas, perseguindo-o até o meter nas suas linhas. Nos dias de fogo, comparecia nos lugares de maior perigo, mostrando sua exemplar bravura".

Pouco depois, já Capitão, não é menos dignificante sua conduta nas lutas da Cisplatina, em 1827, onde teve oportunidade, num golpe de audácia e sangue frio, de apoderar-se de um lanchão, depois de neutralizar os homens que iam operá-lo e regressa, pela manhã a Montevidéu. Ainda na Cisplatina, merece referência o golpe de mão, de extrema ousadia, que o futuro Duque lançou nos cavalarianos de Paunero.

Muito mais tarde, Caxias renovaria seus atos de bravura, na guerra contra Rosas. Assinala Borman que "um dia, mete-se com o Almirante Grenfell a bordo do vapor "Affonso"; singra para o pôrto de Buenos Aires, onde penetra à vista da esquadra inimiga e navios de guerra estrangeiros; manda fundear nas vizinhanças de Palermo, residencial do fero ditador Rosas, e aí se conserva mais de cinco horas, empregadas em sondar o ancoradouro, ante a admiração dos estrangeiros e o terror do inimigo, por semelhante ato de ousadia". Mas aí não se detém a bravura e a coragem de Caxias. Quando Cmt-Chefe dos Exércitos Aliados, já em avançada idade, eis que, sentindo encarniçada a resistência do inimigo em Itororó, lança-se heróicamente à frente de seus homens, arrastando-os a todos. E não contava 27 anos como Napoleão em Arcole, nem os 50 de Cezar em Munda, Srs.! Caxias entrava pelos 65 anos, quando magnetizou seus soldados com o legendário "Sigam-me os que forem brasileiros".

2. ATIVIDADE E VELOCIDADE

Com que resistência e energia portava-se Caxias em campanha, basta transcrever o que a seu respeito assinala o Padre Joaquim Pinto de Campos: "mesmo em campanha é sempre él o primeiro a levantar-se, tendo por uso percorrer logo o acampamento, não havendo um só dia que deixe de visitar os postos avançados. Toma em seguida uma parca refeição. Despacha. Tudo examina por si, tudo providencia. Aplica todos os momentos a mais acurada disciplina, a mais cautelosa vigilância, sendo isso a que se deve nunca, em cinco campanhas, haver sido uma só vez surpreendido".

"Velocidade, Velocidade, atividade" não configuraava únicamente a maneira de operar napoleônica, principalmente visando a concentrar os meios para o combate decisivo. Não, que Caxias demonstrou, de modo exuberante, o valor da rapidez nos deslocamentos. Assim foi no movimento que realizou do Rio a Ouro Preto, para reprimir a rebelião de Minas Gerais, um feito realmente notável para a época. "No dia 23 de

julho de 1842 chega à Corte, depois de ter feito uma longa viagem a cavalo, de S. Paulo a Parati. Na noite do mesmo dia janta com o Imperador. O dia seguinte aproveita para ultimar preparativos de viagem e, no dia 25, isto é, 48 horas depois de ter chegado ao Rio, parte para a fronteira de Minas Gerais. Quatro dias depois chega a Vassouras, tendo perdido muitas horas em conferência com o Marquês de Paraná, então na cidade de Paraíba do Sul. No dia 1º de agosto, seis dias após sua partida do Rio, chega a Barbacena. A 6 do mesmo mês, está na capital mineira, tendo feito o trajeto Rio-Ouro Preto em 11 dias. É um recorde absoluto, alcançado por meio de marchas forçadíssimas, galgando 1.100 metros de altitude, percorrendo ínviis e difíceis caminhos" (Afonso de Carvalho).

Não menos impressionante foi a rapidez do movimento efetuado, na operação anterior contra os revoltosos de Sorocaba. Vinte e quatro horas depois de sua nomeação, lançava-se Caxias para São Paulo, praticamente sem recursos, mas apelando para a rapidez em benefício da surpresa, que lhe vai proporcionar vantagem de posição decisiva, impedindo qualquer reação organizada dos insurretos. Com apenas 400 recrutas, antecipa-se aos 3.000 homens, galgando a serra de Santos e precedendo-os em Cubatão, prosseguindo pouco depois para Sorocaba e aí estirpando o foco rebelde.

3. SURPRESA E AUDÁCIA

Já vimos como a Surpresa preponderou nos movimentos do Rio sobre Sorocaba e, logo a seguir, do Rio com destino a Ouro Preto. Verda-deiros raides, onde até a guerra de nervos foi utilizada, quando Caxias, ao atingir Santos com suas 400 praças, expede circular às estações paulistas determinando-lhes preparar rações para 3.000 homens, lançando o pânico nas fileiras adversárias.

Mais tarde, na Revolução Farroupilha, durante praticamente dois anos de luta, vamos encontrar a surpresa e a audácia como características dessa campanha. Em espetacular transposição do São Gonçalo com 1.800 homens e 5.000 cavalos, para reunir-se ao grosso dos legalistas em Cachoeira, desliza Caxias entre a serra de Tapes e a margem esquerda da Lagoa dos Patos, iludindo completamente aos farrapos. Em toda a campanha o que se viu foi, em última análise, o apelo ao Cérco e à Persegução, a audácia, o risco calculado, a surpresa enfim.

4. DISCIPLINA E LEALDADE

A vida de Caxias confunde-se com a da própria Pátria, desde seus primeiros passos na carreira das armas, nunca poupando sacrifícios em bem dos elevados interesses nacionais. Sobretudo, jamais temeu o risco da responsabilidade pelas atitudes assumidas em defesa da Lei e da Ordem, sempre se mantendo digno da confiança nêle depositada quando o Brasil Independente lhe conferiu a alta honraria de receber o estandarte nacional.

A disciplina e a lealdade, atitudes que integram com destaque a Honra Militar, nêle tiveram a verdadeira sublimação, única forma de servidão humana, que a dignidade exalta, ao invés de repelir; o Dever para com a Pátria. Foi um Soldado e um Chefe disciplinado e disciplinador. Nêle Disciplina e Lealdade enfeixavam-se, culminando em atos de união, jamais de separação. Geravam confiança, não prevenção e ressentimentos; propiciavam clima sadio de compreensão e harmonia, no sentido que convinha à Defesa das Instituições, da Lei e da Ordem.

A lealdade de Caxias ao Imperador é de todos conhecida. As tropas se preparavam para depor D. Pedro I, colocando-se em estado de re-

belião; as Unidades saíam dos quartéis para o Campo de Santana e até seu pai se pronunciava revolucionário, no propósito de derrubar o Governo. Nessa crise, como se conduz o futuro Duque, pois seu próprio Btl, do qual era Sub-Cmt, estava revoltado? Mantem-se absolutamente fiel e leal a seu Chefe Supremo, com plena consciência embora da magnitude do drama que se vivia e das responsabilidades pela atitude assumida. E, mais, quando D. Pedro I desanima, por julgar inútil qualquer reação — evitando assim derramamento de sangue inglório — é ainda Caxias, um Major apenas, vêde bem Srs., quem insiste, apresentando sugestões para imediata execução, no sentido de subjugar a revolta.

Que exemplo magnífico para caracterizar a floração exuberante do sentimento de lealdade, que representava para Caxias, inclusive, um comportamento interior, de pensar, de agir, de coerência de atitudes e de pensamento. De atuação, principalmente, de reciprocidade.

III — CAXIAS COMANDANTE-CHEFE NA GUERRA DO PARAGUAI

- 1 — Planejamento para a Ofensiva
- 2 — Batalha de Humaitá
- 3 — Batalha do Piquiciri

1. PLANEJAMENTO PARA A OFENSIVA

a) Situação Geral

Quando Caxias assumiu o comando geral das Fôrças Brasileiras e chegou a Tuiuti, a 18 de novembro de 1866, o quadro geral da guerra, estratégico e tático, assim se configurava:

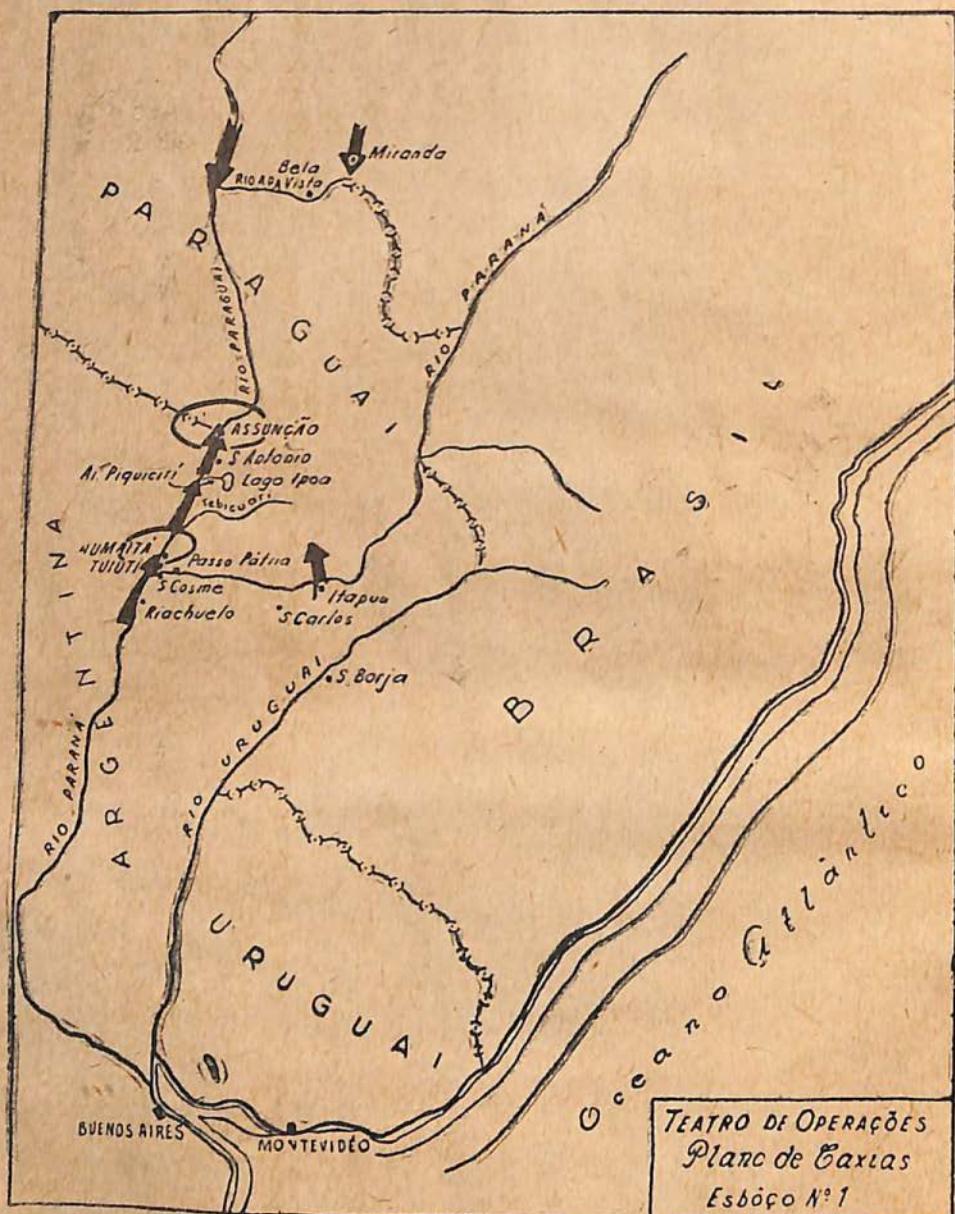
(1) Estratégico (Esbóço n. 1)

Com a extraordinária vitória aliada na Batalha do Riachuelo, travada no início das Operações, estava ganha a Guerra, do ponto de vista estratégico e isso porque a situação de mediterraneidade do Paraguai fazia que ele dependesse, de modo absoluto, da via potâmica Paraguai-Paraná, que agora estava bloqueada. Gozavam os Aliados, pois, de plena liberdade de ação para executar a Estratégia Operacional Militar por meio de Batalhas que conduzissem à posse de Assunção, sede do Poder Político paraguaio. Todavia, um objetivo intermediário avultava pela importância no quadro da Manobra Ofensiva a desenvolver-se, sobretudo pela posição: Humaitá.

(2) Tático

No campo tático o panorama era, contudo, completamente diverso e isso porque:

- a calha do rio Paraguai constituía, sem dúvida, o centro de gravidade das operações militares;
- a posse de Humaitá era imprescindível ao prosseguimento para o N;
- muito pouco fizéramos no sentido de destruir as fôrças adversárias ou anular sua capacidade de luta, embora houvesse um saldo favorável de algumas batalhas;



- na realidade, há pouco desembarcáramos em território paraguaio e estávamos de posse, apenas, de uma cabeça-de-ponte, conquistada e consolidada embora;
- em última análise, nossas possibilidades de manobra ao S do território paraguaio estavam condicionadas pelo espaço operacional, definido pelas regiões de Curuzu, Itapiru, Tuiuti e Passo da Pátria, que balizavam a orla da cabeça-de-ponte no rio Paraná;
- o terreno no interior e ao N da cabeça-de-ponte era completamente desfavorável: desconhecido, insalubre e alagadiço, o que, agravado pela pequena área em nosso poder, ensejava ações ofensivas do adversário, que seu excelente moral a isso certamente conduziria, já que seu território fôra invadido;
- o inimigo apoia-se, agora, no chamado “quadrilátero”, área fortificada que compreendia, principalmente, as regiões de Curupaiti e Humaitá, a dominar completamente o rio Paraguai.

Enquanto os Aliados reajustam o planejamento para prosseguir a ofensiva, eis que são obrigados a travar a batalha defensiva de Tuiuti, onde os paraguaios, mais surpreendidos que os atacados, sofrem tremenda derrota.

Que se passa depois? Em consequência da má estrutura do Comando Aliado, sem unidade de comando, o que agrava dissensões e suscetibilidades entre os Chefes militares, enfraquecendo a autoridade do Cmt-Chefe, muito comprometida por sinal, a Estratégia Operacional Militar sofrera, como seria natural, muitas flutuações. Assim é que:

- O Plano de Operações prescrevia, como vimos, a posse de Humaitá e Assunção;
- Humaitá seria atingida desbordando-se o “quadrilátero” por E e caindo sobre o flanco adversário pelo N do Estero Rojas.

Devido à falta de cavalaria, arma fundamental para semelhante manobra, evoluiu Mitre para um desbordamento das posições fortificadas por W, conjugando-se a atuação das Fôrças Terrestres com a Marinha, desembarcando para isso um CEx em Curuzu, para dominar a defesa por um ataque frontal, que foi realizado, culminando em completo fracaso.

(3) Em síntese, é essa a situação das Fôrças Aliadas, terrestres e navais, com as operações estabilizadas, quando Caxias assume o Comando-Chefe das Fôrças Armadas no Brasil, isto é:

- Exércitos aliados detidos face à linha Curupaiti-Estero Rojas, com o flanco W e a retaguarda apoiados no rio Paraguai, tendo ainda a E e ao S o rio Paraná como cobertura;
- A Fôrça Naval inteiramente bloqueada no rio Paraná face a Curupaiti;
- desarmonia entre os Chefes militares, o que se refletia profundamente no Moral dos quadros e da tropa, já deprimido pelo desconfôrto e ociosidade;
- estado disciplinar muito baixo, que se agravava enormemente pela situação de frente estabilizada, produzindo reflexos na capacidade combativa das unidades;

— apoio logístico precário e muito deficiente, em completa desordem mesmo.

b) *Plano de Operações*

Em última análise, as operações ao S do Paraguai vinham sendo conduzidas dentro do quadro estratégico esboçado por Caxias, logo ao irromper a guerra, a 25 de janeiro de 1865, a pedido do Ministro da Guerra. Convém fixar esse plano, antes de prosseguirmos no estudo, pois aí se observa com que realismo e objetividade Caxias encarava a Conduta da Guerra contra o Paraguai, em seguida à invasão empreendida por López, de surpresa, a Mato Grosso e ao Rio Grande do Sul.

Fôra-lhe submetido o seguinte questionário por Beaurepaire Rohan, Ministro da Guerra de então, no sentido de que a resposta configurasse idéias relativas à Organização do Exército e a um Plano de Campanha:

- “1º) A que número de praças deveremos elevar nosso Exército, em relação à guerra com o Estado do Paraguai ?
- 2º) Quais os recursos de que devemos lançar mão para que esse Exército se possa organizar com presteza ?
- 3º) Qual o melhor Plano de Campanha a adotar-se para assegurar o triunfo de nossas armas ?
- 4º) Se acha conveniente que os corpos que vão chegando das províncias do norte sigam imediatamente a se reunirem ao Exército em operações, ou se convém antes demorá-los na Corte para serem convenientemente exercitados ?

Além desses quesitos, espero que V. Exa. me comunicará qualquer idéia sua que possa interessar a nossos preparativos de guerra, quer em relação ao ataque, quer em relação à defesa de alguns pontos da nossa fronteira”.

Vejamos a resposta de Caxias (Esbôco n. 1):

“Julgo que convém dividir o Exército em três colunas, ou Corpos do Exército, devendo o principal marchar por Passo da Pátria no Paraná, pela estrada mais próxima e paralela ao rio Paraguai, combinando seus movimentos com as forças de Mato Grosso, as quais deverão perseguir o inimigo que tiver invadido a Província até a linha do Apa, esperando aí as ordens do General Cmt-Chefe do Exército do Sul, para de acordo com él, descer até onde convier. E a outra coluna, que não deverá ser menor que 6.000 homens, marchará por S. Paulo com direção à Província de Mato Grosso, fazendo junção com as forças que já guarnecem aquela província, as quais calculo em 4.000 homens. Esta coluna deverá operar por Miranda, com o fim não só de assegurar as cavalhadas e gado que existem por esse lado, como para obrigar o inimigo a distrair forças de sua base de operações, e facilitar assim a entrada do grosso do nosso Exército que deve invadir pelo lado de Humaitá. Uma outra coluna ou CEx deve chamar a atenção do inimigo pelo lado de S. Cosme, Itapua ou São Carlos, para que, não só não possa él cortar-nos a retirada pelo Passo da Pátria, no caso de revés no Humaitá, como para que não convirja com todas as suas forças sobre esse ponto quando atacado pelo nosso Exército. Este movimento deverá competir às nossas forças que guarnecem a fronteira de São Borja e deverão constar, pelo menos, de 10.000 homens, das três armas, e ser bem comandadas”.

Portanto, a Estratégia Operacional em curso, já consubstanciada por Mitre na "marcha pela direita, procurando por meio dela o flanco esquerdo do inimigo, e por ai atacá-lo", nada mais era que a execução do plano proposto por Caxias.

c) *Preparativos para a Ofensiva*

A reorganização a que foram submetidas as Fôrças Aliadas, após a assunção do comando por Caxias, evidenciam aspectos realmente notáveis do nosso patrono como Chefe, interferindo diretamente com os problemas relativos ao apoio logístico, à instrução e à disciplina da tropa. Aí se reflete, na plenitude, a figura do Administrador. Sua atividade faz-se sentir já durante a viagem para o TO. Hospitais, depósitos e outras instalações escalonadas na extensa linha de transportes foram reorganizados.

No acampamento da cabeca-de-ponte aliada foram inúmeras as providências tomadas por Caxias durante os longos meses de estabilização das operações. A cavalaria mereceu especial atenção, pois "tôda a cavalaria estava apeada e os 3.000 cavalos existentes não estavam em bom estado". Os CEx e as Unidades, de modo geral, foram reestruturados, de vez que, com relação aos 1º e 2º CEx, verificou Caxias que apresentavam características de organização diversas e "pareciam pertencer a duas Nações distintas, tais eram as disparidades que nelas se notavam". Foi dado grande relevo à instrução dos quadros e da tropa, principalmente no que dizia com a instrução de combate e serviço em campanha, destacando-se neste particular o judicioso aproveitamento do terreno e o emprêgo da pá e da picareta na OT.

As comunicações também mereceram especial cuidado, tanto que foram feitas instalações elétricas e encomendaram-se dois balões para observação, o que muito facilitou o planejamento dos EM. A parte relativa à evacuação e suprimentos recebeu novo impulso, além das providências tomadas quanto à linha de transportes. Instalaram-se arsenais e depósitos na área de operações e outros hospitais foram abertos. Além disso, promoveu-se a aquisição de cavalos e mulas, aumentando-se também o estoque de milho e alfafa. Finalmente, o Moral da tropa mereceu carinho especial do Comando-Chefe, visando a elevá-lo e melhorar o estado disciplinar, que era desolador. Instalaram-se, nesse sentido, teatros, casas de diversões, levantou-se uma igreja e, até organizada foi uma Chefia de Polícia ao comando de um Ten-Cel.

d) *Conclusão*

Com tais providências, de tôda ordem, estava Caxias em condições de retomar a ofensiva, desta vez fulminante e que só iria terminar com a vitória final sobre o adversário.

As operações vão ser concebidas dentro da realidade geográfica do TO; a liberdade de ação para o Chefe fôra assegurada pelas Fôrças Navais em Riachuelo. Cabia às Fôrças Terrestres, de agora em diante, o papel decisivo no sentido de aniquilar o poderio militar do adversário. Mas havia, para tal mister, que reestruturar fundamentalmente aquele conjunto de fôrças tão heterogêneo e cujo moral já estava bastante comprometido, e imprimir maior capacidade combativa às unidades, tarefa a que Caxias se consagra, por completo.

Ai está uma das principais facetas da personalidade extraordinária do nosso Patrono. Em alta dose nêle se continha o planejador, o organizador por excelência, o administrador em suma, que não se preocupava com o tempo aproveitado na reorganização e treinamento das fôrças para a batalha decisiva.

2. BATALHA DE HUMAITÁ

a) Situação Geral (Esbôço n. 2 e Calco n. 1)

O quadro já é conhecido quando resumimos, estratégica e taticamente, as operações no TO à chegada de Caxias. Contudo, merece destacar que, com a longa estabilização das operações não só os paraguaios desenvolveram esforço sobre-humano no sentido de melhorar o "quadrilátero", ampliando as organizações defensivas, aprofundando mesmo a defesa, como, da parte dos aliados, como vimos, as fôrças estavam completamente reorganizadas. Nesse ambiente é, pois, que vai travar-se a primeira batalha de Caxias, mais conhecida como Manobra de Humaitá ou Primeira Marcha de Flanco.

b) Plano de Caxias (Calco n. 1)

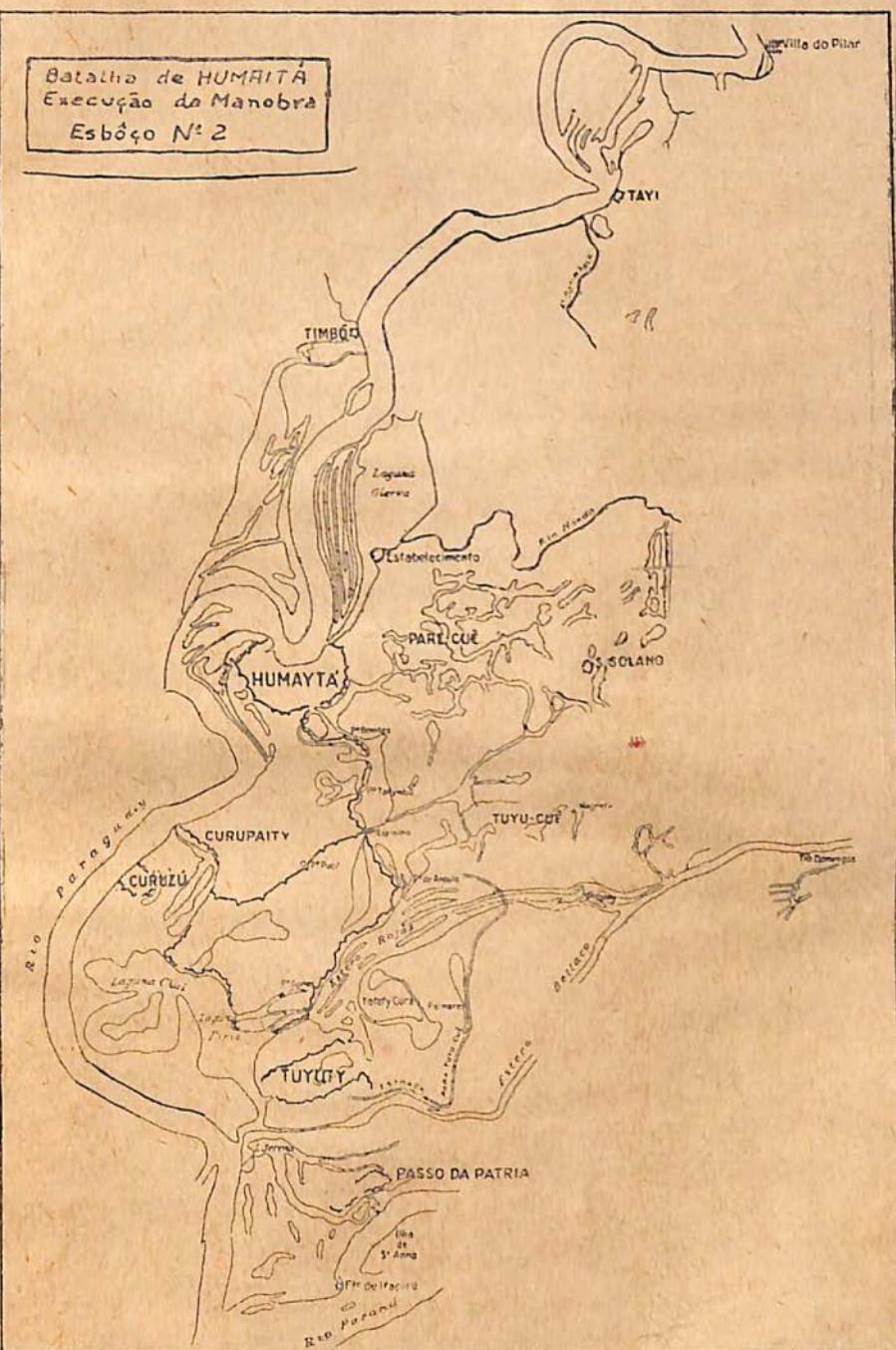
Embora o plano original de Caxias para a Conduta da Guerra ainda permanecesse em suas linhas gerais, contudo teria de sofrer, como seria natural, as adaptações necessárias, que resultantes do exato conhecimento da região de operações e, principalmente, da situação que se configurava no momento. Deste modo far-se-ia um largo desbordamento, pelo Corpo de Osório o qual, depois de desembarcar no Alto Paraná, marcharia na direção de Itapua, passando por Aguapeí, o que iria enfraquecer de muito as posições inimigas de Tuiuti e Curupaiti. Tal concepção só não será completamente executada, em virtude da ocorrência de fatores adversos. Daí ter Osório desembarcado no Passo da Pátria e marchado juntamente com o grosso visando a Tuiu-Cuê.

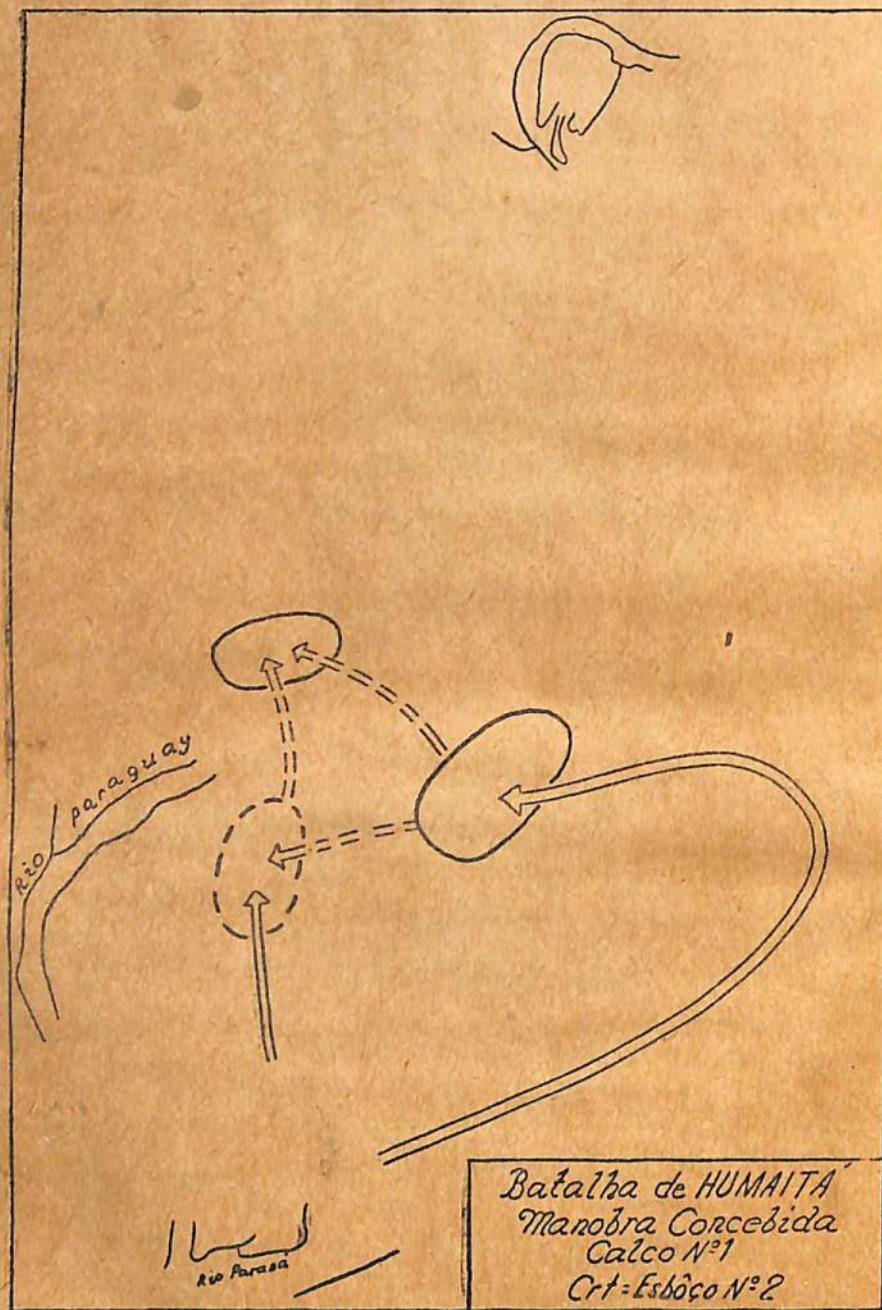
Porque Caxias deu ênfase ao papel das Fôrças Terrestres nessa manobra, não operando como entendia Mitre? Pensava Caxias, e acertadamente, que:

- agora era o momento de procurar a decisão com as Fôrças Terrestres, principalmente dada a situação do dispositivo defensivo inimigo;
- compensaria tentar o domínio de Curupaiti e Humaitá por uma manobra central de ruptura? E se, por sorte, levassem de vencida os paraguaios nessa fase, "para onde seguir depois com a mesma: para Assunção, deixando à retaguarda, às margens do rio, o exército inimigo quase incólume?"

E vinga a idéia de Caxias, de atuar principalmente pelo flanco pois, dizia ele em carta ao Visconde de Rio Branco, a 6 de abril de 1867:

"Na minha frente estão 20.000 inimigos magistralmente colocados e fortificados. Seria um louco e colheria uma derrota certa se os acometesse num ataque frontal. Teria de contar, sómente, com as fôrças terrestres; os bombardeamentos da esquadra têm incomodado o inimigo, mas não produzem efeito correspondente à bulha que fazem. Fortificações de terra refazem-se no intervalo de horas e Curuzu está hoje no mesmo estado em que se achava antes dos bombardeamentos. Tudo mais são ilusões". Passando a explicar a necessidade de executar a manobra de flanco, acrescenta: "porque estas fortificações só por terra podem ser tomadas e isto por meio de manobras que obriguem o inimigo a abandoná-las. Enquanto isso, pretendo que a esquadra force Humaitá e procure colocar-se acima da posição, para cortar os transportes por água com a capital inimiga".





A Missão das Fôrças Aliadas continuaria então em curso de cumprimento e caracterizada pela conquista da região de Humaitá, com a finalidade de permitir o acesso das Fôrças Terrestres e Navais ao coração do Paraguai, única forma de se atingir o objetivo geral da guerra, que era esmagar as Fôrças de Lopez.

Quais as possibilidades que o Inimigo poderia oferecer para impedir o cumprimento de nossa Missão? Poderíamos resumir dizendo que as Fôrças de Lopez eram capazes de:

- continuar defendendo em boas condições o “quadrilátero”, principalmente as regiões de Humaitá e Rojas-Sauce;
- atacar nas direções Sauce-Tuiuti e Passo Pocu-S. Solano;
- defender ainda a região de Passo Pocu;
- retrair-se para o N e, nesse caso, apresentar novas linhas de defesa nos cortes do Tebicuari e Piquiciri.

Eram, evidentemente, de preocupar a Caxias tais possibilidades, de vez que o inimigo dispunha no interior de suas posições de 25.000 paraguaios, que os aliados iriam enfrentar com apenas 39.000 homens. Acresce que as organizações defensivas eram muito boas, extensas trincheiras ligavam as diversas regiões e fôrça prevista a defesa em todas as direções. A linha de transportes balizada por Tayi-S. Solano garantia um fluxo de suprimentos contínuo com o interior do país, o que aumentava, sem dúvida, as possibilidades de resistência. Outro ponto que certamente preocupava o Comando Aliado, dado o precedente de Tuiuti, era que Lopez poderia decidir-se por um comportamento nitidamente ofensivo, seja atacando mais uma vez na direção de Tuiuti, seja abandonando suas posições para uma batalha campal, a E, quando nossas fôrças estivessem executando o desbordamento da posição.

Para fazer face a tudo isso, Caxias decide atuar com seus três CEx (o 2º CEx, que estava em Curuzu, o 1º CEx, em Tuiuti; e, o 3º CEx, de Osório, recentemente chegado a Passo da Pátria), auxiliados pela Esquadra (que fazia frente a Curuzu), realizando a manobra em duas fases, dada a necessidade de complementar o estudo do terreno e conhecer a verdadeira situação do inimigo ao N do Estero Rojas. Deste modo, resolve Caxias:

- num primeiro tempo desbordar, por E, a posição defensiva paraguai, levando o grosso das fôrças para Tuyu-Cuê;
- em seguida, consoante o comportamento do inimigo:
- atacar a posição de Rojas, pela retaguarda, em ligação com o grupamento que fazia face a Tuiuti e, depois, cercar Humaitá;
- proceder diretamente ao cerco de Humaitá, caso a linha do Rojas não estivesse defendida;
- finalmente, destruir o inimigo numa batalha campal decisiva, atacando principalmente na direção E-W e, também, na direção S-N, na hipótese de Lopez abandonar o quadrilátero para enfrentar os aliados a E de Humaitá. Quanto à Esquadra, decidiu ainda Caxias que:
- guardasse a posição de Curuzu, enquanto o inimigo permanecesse em Curupaiti;
- subisse o rio Paraguai, logo que o Exército ultrapassasse Rojas;
- ultrapassada Humaitá, estabelecesse ligação com as Fôrças Terrestres nas margens do rio e cortasse a retirada do inimigo no Tebicuari.

c) Execução da Batalha (Esbôço n. 2 e Calco n. 1-A)

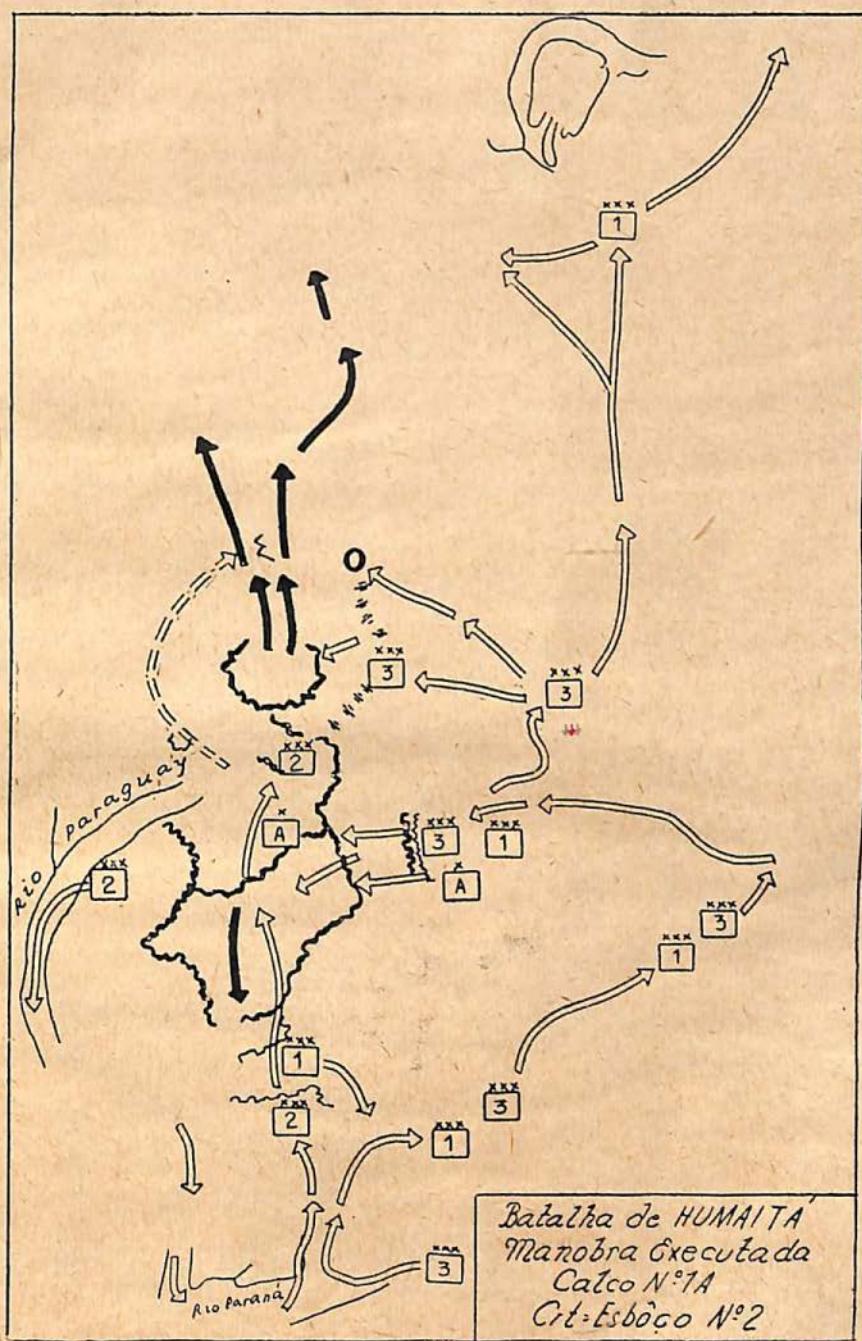
A 22 de julho de 1867 Caxias — agora no Comando Supremo das Fôrças Aliadas, que Mitre se retirara para a Argentina, desde fevereiro, a resolver problemas de política interna — inicia a manobra de flanco, “passados 14 meses da batalha de Tuiuti, cerca de 11 meses após o combate de postos avançados de Curuzu e precisamente 10 meses depois da fracassada ofensiva com ação principal em Curupaiti”. A marcha é iniciada pelo S do Estero Belaco, dirigindo-se por Tio Domingos para a região de primeiro destino ao N do Estero Belaco, onde o grosso devia articular-se. O movimento se processa sem maiores dificuldades, seguindo como vanguarda da coluna o 3º CEx de Osório, que se fazia preceder da DC de Mena Barreto, e tinha a segui-lo o 1º CEx, já sob o comando de Argolo, substituto de Polidoro. Enquanto a coluna principal seguia pelo S do Estero, pelo N marchavam os destacamentos argentino e uruguai, aquêle ao comando de Gelly y Obes e, êste, comandado pelo Gen Henrique Castro. Para a fixação em Tuiuti ficara o 2º CEx de Pôrto Alegre, que iria garantir a base de operações e a linha de transporte dos Exércitos Aliados. Enquanto isso, a Esquadra cumpria o que lhe fôra prescrito, no sentido de ficar atenta aos movimentos do grosso, ficando em condições de atuar, por iniciativa de seu Cmt, Joaquim Inácio, tão logo julgasse oportuno.

Após a Vanguarda recalcar as resistências que cobriam os passos do Espinilho e de Angolo, repelindo-as para o interior da posição, o grosso das Fôrças Terrestres atingiu a 31 de julho a região de Tuiu-Cuê, onde acampou, depois de um penoso percurso de cerca de 40 km, através caminhos entrecortados de esteros e pântanos. O 3º CEx desdobrou-se face aos passos do Espinilho e do Angolo, ficando o destacamento argentino à esquerda. Enquanto isso, parte do 1º CEx estacionava em S. Solano.

No dia seguinte ao da chegada das fôrças a Tuyu-Cuê, Mitre, que já regressara de Buenos Aires, reassumiu o Comando Supremo, fato que vai produzir reflexos sensíveis no curso das operações. Enquanto Caxias entende como melhor solução o sítio ao “quadrilátero”, em face dos últimos reconhecimentos, Mitre discorda. Prefere, antes do sítio, um reconhecimento mais detalhado das fortificações no flanco E e de Humaitá, o que, evidentemente, importaria em muita perda de tempo, não concordando Caxias com isso. Ainda mais: era intenção do general argentino que a Esquadra atuasse, mesmo isolada, subindo o rio Paraguai, pensamento justamente contrário ao do nosso general, que aceitou a proposta de Joaquim Inácio, no sentido de uma atuação mais prudente, em consonância com as Fôrças Terrestres.

Afinal, a Esquadra realizou o forçamento da passagem em Curupaiti, a 15 de agosto de 1867, indo fundear face a Humaitá, ficando entre os fogos desta fortaleza e os de Curupaiti, que lhe ficara pela retaguarda.

Prosseguindo as Fôrças Terrestres em suas operações, a 20 de setembro elementos do 1º CEx atingiram Pilar e reconhecimentos seus foram lançados até o Tebicuari. A 2 de novembro Tayi era dominada, ficando a navegação do rio barrada nessa região. No dia seguinte os paraguaios, já em situação grave, apelam para a solução que seria muito comum durante a 2ª Grande Guerra no T O russo: tentam romper o cerco, por meio dum ataque violento às posições de Tuiuti. Embora de elevado alcance estratégico, pois poderia cortar as linhas de transportes aliados, além da posse de nossa base de operações, todavia o valor de Pôrto Alegre fêz que abortasse tão audaciosa manobra de Lopez, que nos obrigaria a uma batalha com a frente invertida, extremamente perigosa para os aliados.



As conseqüências imediatas dêsse segundo ataque a Tuiuti não se fizeram sentir e se traduziram pelas seguintes providências de Lopez:

- preparativos para evacuar o “quadrilátero” (a maioria dos cañhões de Sauce, Curupaiti, Rojas e Passo do Angolo foi removida para o interior de Humaitá, para as trincheiras mandadas construir em Passo Pocu);

- transformou as regiões desguarnecidas em simples linhas de vigilância;

- mandou construir as fortalezas do Timbó e do Estabelecimento, à margem do rio, com a finalidade de assegurar a retirada do seu Exército para o N.

Com o regresso definitivo de Mitre à Argentina, a 13 de janeiro de 1868, Caxias assume o Comando Supremo e vai imprimir um sentido realmente extraordinário às operações. Assim é que ao amanhecer de 19 de fevereiro a Esquadra forçou e venceu as defesas de Humaitá e do Timbó, chegando a Tayi, aí se ligando às Fôrças Terrestres no mesmo dia que Caxias conquistava Estabelecimento.

A situação era desesperadora para o inimigo, pois, três navios já tinham chegado a Assunção. Havia que evacuar Humaitá, o que foi feito a 3 de março, fugindo Lopez com 12.000 homens através do Chaco para o N. Deixou Barrios, Resquin e Bruguez defendendo as posições, sendo que ao Cel Alen conferiu a defesa de Humaitá.

Caxias ordenou, em conseqüência, o ataque às linhas do Rojas e de Tuyu-Cuê, de Passo Espinilho até o Passo Angolo, numa ação convergente sobre o Passo Pocu, o que obrigou o inimigo a retirar-se, dum só lanço, para o recinto de Humaitá, sem retardar os aliados.

Com isso Humaitá foi cercada; o 2º CEx, de Argolo, ficou a SW do Passo Benitez; o destacamento argentino ocupou Passo Pocu; e o 3º CEx, de Osório, acampou em Pare Cuê.

No propósito de impedir a fuga da guarnição de Humaitá, pelo mesmo eixo utilizado por Lopez, mandou Caxias que fosse cortada, por dois destacamentos, a retirada dos 10,000 paraguaios, a quanto montava o efetivo da tropa inimiga cercada. Um destacamento, de brasileiros, partiu de Estabelecimento e, depois de atravessar o rio Paraguai, desembarcou na outra margem. O outro, constituído de argentinos, partindo de Curupaiti, atravessou o rio Paraguai e desembarcou mais ao N, reunindo-se os dois destacamentos em Andaí, cortando assim a retirada dos paraguaios.

Depois de várias tentativas do inimigo visando a romper o cérco, para o N, ordenou Caxias o assalto à fortaleza, que foi feito por Osório, o qual entrou quase que juntamente com as fôrças de Argolo e de Gelly y Obes. A resistência paraguaia continuou heróica, fora da fortaleza, porém, a um apelo generoso de Caxias, rendia-se a tropa, a 5 de agosto de 1868.

Abria-se, deste modo, o acesso a Assunção.

d) Comentários

É de admirar-se, nesta primeira fase do Comando-Chefe de Caxias, seu comportamento como Planejador e Organizador de méritos incontestáveis, que agiu sobretudo pelo Equilíbrio e Prudência, reservando a Audácia, o Risco Calculado para mais tarde, para o ato culminante da guerra contra Lopez.

Analizando-se sumariamente a Manobra de Humaitá em suas linhas mestras, aquelas que interferem propriamente com a parte filosófica da Guerra, nos seus aspectos de Ciência e Arte, sentimos que ela se configura em uma manobra de flanco, por excelência. Não se sabe o

que mais ressaltar: se a beleza artística de sua forma ou a segurança e a flexibilidade de sua execução. Não foi, por isso, nem manobra montada a priori, nem a posterior; foi bem aquél tipo que tanto agradaava a Napoleão e próprio dos chefes realmente notáveis. Caxias concebeu manobra altamente flexível, embora estruturada previamente, podendo evoluir com a batalha, como hoje se prescreve nos manuais doutrinários. Vêde como se deu: primeiro, um movimento desbordante até Tuyu-Cuê, aí ficando em expectativa estratégica. Em seguida, tal fôsse o comportamento das forças inimigas, evoluiria para um movimento envolvente integral, na direção Tio Domingos-S. Solano-Humaitá, em combinação com atuação coordenada das Forças Navais ou, em caso de isso ser impossível, a manobra de flanco culminaria no Cercô do "quadrilátero". Magnífico, Srs.: no mínimo, o Cercô parcial, se possível, o Aniquilamento Total.

O Estudo das Constantes da Manobra ressalta seu perfeito equilíbrio. As duas alas atuaram sempre de modo nitidamente ofensivo, embora decaladas no tempo, enquanto fixava-se no centro a defesa adversária, ao mesmo tempo que essa massa central soldava as duas alas. Da combinação de direções basta lembrar que utilizaram-se as duas principais vias de acesso, uma terrestre e outra fluvial, que conduziam à retaguarda imediata do inimigo, isolando-o, pois, do interior do país. Para completar, encontramos judiciosa repartição das forças no tempo e no espaço, ficando em Tuiuti, na ação de fixação 1/3 do efetivo; os 2/3 restantes, lançados no flanco principal, enquanto a Esquadra atuava por W.

Eis aí a batalha de Humaitá, conduzida por Caxias, onde se esplham, com fulgor, Princípios de Guerra como Economia de Fôrças, Massa, Ofensiva e Liberdade de Ação. Também o Cmt Tático mais uma vez se destaca em Caxias, seja quando reestrutura as GU e Unidades no sentido de melhor adaptar as fôrças ao emprégo visado; seja instruindo e reorganizando as tropas em função da realidade da guerra face ao inimigo. Deu ênfase à atuação da cavalaria nessa primeira fase das operações em território paraguaio, não atribuindo a importância que Mitre lhe conferia, quanto ao número, pois, dizia, "a guerra que temos de fazer é mais de caçadores e artilheiros que de cavalaria", referindo-se naturalmente à luta pela posse de Humaitá. Caxias reservava a cavalaria para aquelas ações próprias nos preliminares e no acabamento da batalha. Atribuia, pois, novo sentido à doutrina de emprégo das armas na guerra do Paraguai. Outro aspecto a destacar em Caxias é a Perseverança no cumprimento da missão, paciência diante do difícil em Humaitá: "paciência para esperar o momento oportuno, perseverança no objetivo geral da manobra estabelecida".

Aí está, Srs., o que foi Caxias em Humaitá, procurando com segurança e obstinação, um campo de batalha para buscar a Decisão, já várias vêzes tentada sem sucesso, antes do seu comando. Não conseguindo aí decidir a guerra, estrategicamente, que o inimigo a isso fugira, o que faz de Humaitá, de certo modo, uma batalha frustrada, Caxias não se detém diante da extraordinária vitória tática. Não se contenta apenas com o cercô da famosa praça-forte; buscará noutra manobra, mais audaciosa ainda, a Decisão, o que será alcançado, como veremos, na batalha do Piquiciri, onde, em contraposição à lentidão e à prudência da Manobra de Humaitá, nos seus 12 meses, afloram a rapidez e a audácia como consequência da adaptação da Doutrina às novas realidades da guerra, mudando-se a forma, os métodos e os processos de combate, até, para a consecução da vitória completa.

(Continua no próximo número)